

PARA UMA FILOLOGIA INDIGENISTA: O GESTO GRÁFICO E A ESCUTA MISSIONÁRIA EM MANUSCRITOS SETECENTISTAS

Bruna Trindade Gomes Carneiro (UFBA)
brunatrindade243@gmail.com

Esta palestra discute a centralidade da Filologia e da paleografia científica na constituição de um *corpus* documental sobre os povos indígenas no Brasil setecentista. O objetivo principal é demonstrar como a edição do Códice 69 (documento em língua geral assim catalogado na Universidade de Coimbra) revela estratégias de gramatização e mediação colonial, estabelecendo a paleografia como um controle epistêmico indispensável. A metodologia fundamenta-se na distinção rigorosa entre grafia, enquanto dado observável no suporte, e língua, como inferência do sistema de sons. O percurso metodológico organiza-se na descrição material do suporte, na identificação do sistema gráfico do escriba (*scriptor*) e na análise do gesto, essencial para investigar fontes heterográficas onde a escrita registra a adaptação forçada de sons indígenas ao alfabeto latino através do paradigma indiciário. Como resultados, a análise demonstra que a instabilidade gráfica em manuscritos de língua geral não deve ser tratada como erro, mas como um registo precioso do contato linguístico e da escuta do escriba. A edição filológica ética impede a “correção colonial” – a normalização ortográfica modernizadora –, preservando as marcas da alteridade e do multilinguismo brasileiro que, de outra forma, seriam silenciadas no arquivo. Esta reflexão ancora-se nos pressupostos teóricos de Ginzburg (1989) sobre o paradigma indiciário, Petrucci (2003) nos elementos de paleografia, Lose (2022) na caracterização do punho, Freire (2008) na história social das línguas, Gumbrecht (2007) nas dimensões da filologia e nos trabalhos de Carneiro (2025) sobre a edição de manuscritos em língua geral.

Palavras-chave:

Filologia. Fontes indígenas. Língua Geral Amazônica.